

Em 28 de Junho de 1914, após o atentado de Sarajevo, tinha começado o conflito pelo qual, nós soldados alemães nos estávamos a preparar há imenso tempo.

Inicialmente, existia uma grande euforia por parte das nossas tropas, pois todos nós pensávamos que iria ser uma guerra rápida. Cantávamos e dançávamos a caminho da guerra. Alguns nem estavam preocupados por deixarem mulher e filhos, pois existia um clima de tranquilidade e felicidade. Iriam regressar às suas reconfortantes e belas casas, estariam com a família e amigos dentro de poucas semanas.

Entretanto, já tinha passado mais de um ano e a guerra parecia não ter fim. Talvez porque nenhum dos soldados tinha passado por um conflito tão aterrorizante como a Guerra de Trincheiras.

Numa trincheira, o ambiente era péssimo, os soldados estavam expostos a todas as alterações que a natureza lhes poderia dar – chuva no inverno, o intenso sol que havia no verão e neve como na Rússia.

Lembro-me, de um dia que o Sargento Andrew disse que iríamos avançar a trincheira, pois tínhamos ganho “metros” na terra de ninguém. Um dos meus companheiros decidiu corajosamente, sair do posto de observação para marcar o espaço que os soldados teriam que escavar. Quando este chegava à trincheira levou um tiro e caiu aos meus pés. Foi um dos momentos mais arrepiantes que alguma vez vivi. Com tanto sangue derramado, tentei lembrar-me das muitas cerejas que comia com o meu filho mais novo, o Lorenz, para que perante tantas mortes me sentisse “bem” psicologicamente.

Às vezes o sargento permitia-nos escrever cartas para a família pois não tínhamos ideia do que se estava a passar. Dia após dia, os soldados estavam cada vez mais desgastados física e psicologicamente, questionando-se se alguma vez iriam voltar a ver a família. O dever de defender a Pátria era um sentimento tão longínquo que, todos os dias, nós soldados sentíamos vontade de desertar, de fugir de um dia a dia tão sangrento.

Considero-me um homem com sorte por ter escapado com vida da guerra mas, ainda hoje sempre que fecho os olhos revivo todos os momentos horríveis, devastadores e que me fazem desejar ter morrido naquelas trincheiras.

Francisco Monteiro, 9º A